

Análise dos Elementos Investigativos e Éticos na Reportagem Máfia das Próteses¹

Ana Cláudia Capellari de Souza BORGES²
Sônia Regina Schena BERTOL³
Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

Resumo

Este estudo tem por finalidade analisar os elementos do jornalismo investigativo presentes na reportagem de Giovani Grizotti sobre a Máfia das Próteses, exibida no ano de 2015 pela Rede Globo, no programa Fantástico, levando em consideração as definições e pesquisas realizadas por Leandro Fortes (2005) e Cleofe Monteiro de Sequeira (2005) e também analisar a ética jornalística no meio investigativo. Nesta reportagem Grizotti investiga um escândalo de corrupção na área da saúde onde médicos recebiam propinas de empresas de próteses e dinheiro do SUS era desviado. A investigação efetuada por Grizotti resultou posteriormente a abertura de uma CPI (Comissão Parlamentar de Investigação) a fim de punir os responsáveis.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; investigação; reportagem; ética.

Introdução

Este presente pesquisa tem por objetivo analisar qualitativamente os processos de investigação e efetuar uma análise acerca da ética dentro do jornalismo. Busca-se compreender o conceito de jornalismo investigativo através dos estudos de Leandro Fortes (2005). A pesquisa proporciona uma análise sobre a reportagem de Giovani Grizotti, a Máfia das Próteses, exibida no ano de 2015, pelo programa semanal da Rede Globo, Fantástico.

Famoso por ter reportagens de cunho investigativo, Giovani Grizotti é repórter da RBS TV de Porto Alegre e faz reportagens especiais para o programa dominical Fantástico. A fim de compreender e também diferenciar o jornalismo investigativo das demais áreas do jornalismo e entender que há diferença entre jornalismo de investigação e sobre investigação, este estudo se propõe a uma reflexão sobre os temas referidos.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: anacapellari@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: sobertol@upf.br.

Por meio de uma avaliação do jornalismo investigativo, demonstram-se, no transcorrer deste estudo, suas diferenças com o jornalismo em geral, que não deixa de ser uma atividade investigativa. No jornalismo investigativo, a sagacidade em que se dá o estudo do caso é mais intensa do que meramente fazer a pauta.

2. A Reportagem Máfia Das Próteses

A reportagem Máfia das Próteses, feita pelo repórter Giovani Grizzotti, foi ao ar em 04 de janeiro de 2015, no programa semanal da rede Globo, Fantástico. Esta reportagem foi escolhida como objeto de estudo desta pesquisa a fim de analisar os seus processos investigativos e a questão da ética dentro do jornalismo. A escolha desta reportagem se deu de forma aleatória devido ao interesse em entender a questão do jornalismo investigativo nesse contexto.

Giovani Grizzotti é caracterizado por reportagens de cunho investigativo, o que o leva a não mostrar seu rosto na televisão, por uma demanda relacionada a própria segurança. Em entrevista ao Diário Gaúcho, Grizzotti fala que essa escolha é pensada justamente para facilitar o trabalho da investigação. O repórter comentou também que por muitas vezes é mais ator do que propriamente jornalista.

A reportagem analisada contém 22 minutos de exibição no programa Fantástico, que é exibido nos domingos a noite, considerado um horário de grande audiência na televisão aberta brasileira. A reportagem especial de Grizzotti traz um escândalo na área médica; empresas que oferecem dinheiro para médicos usarem seus produtos. Até cirurgias desnecessárias eram feitas, somente para lucrar dinheiro por fora. Carvalho (2010) afirma que “o que torna uma reportagem especial é o tratamento primoroso, tanto de plástica quanto de conteúdo” (CARVALHO, 2010, p.21).

O repórter viajou por cinco estados brasileiros e a investigação durou três meses, o que resultou na descoberta de um amplo esquema de corrupção na saúde, conforme citado na reportagem. A reportagem pode ser vista através do site <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/01/mafia-das-protese-coloca-vidas-em-risco-com-cirurgias-desnecessarias.html>. Para conseguir tais informações, Grizzotti se passou por médico e percorreu durante sua viagem diversos congressos médicos, onde a prática irregular era encontrada com facilidade.

3. Histórico do Jornalismo Investigativo

Antes de entender e adentrar as especificidades do jornalismo investigativo é imprescindível fazer uma contextualização histórica acerca de quando e como surge e quais foram os seus principais marcos, no Brasil e no exterior. Para isso, toma-se como referência, principalmente, Cleofe Sequeira.

Os trabalhos pioneiros caracterizados como jornalismo investigativo, deram-se no final da Segunda Guerra Mundial, produzidos a partir de 1955 por jornalistas oriundos dos Estados Unidos. Segundo Sequeira (2005), o jornalismo investigativo, na ótica norte americana, começou a mudar na década de 1960, quando os dirigentes do prêmio Pulitzer premiaram uma reportagem investigativa que apontava a corrupção policial na cidade de Filadélfia, pertencente ao estado da Pensilvânia. A década de 1960 é considerada a época de ouro do jornalismo investigativo nos Estados Unidos.

A reportagem investigativa de maior renome, considerada pelo Jornal Diário de Notícias (2005), um marco para o jornalismo investigativo, foi publicada na imprensa dos Estados Unidos em 18 de junho de 1972. A reportagem que ficou conhecida como “Caso *Watergate*” culminou na renúncia do então presidente Richard Nixon. A investigação feita pelos repórteres Carl Bernstein e Bob Woodward, do diário The Washington Post, revelou um esquema de espionagem que o comitê de reeleição de Nixon fazia no prédio Watergate, sede do partido democrata da época. A pressão popular foi grande e Nixon deixou a presidência em 1974. Este caso se tornou um paradigma dentro do jornalismo e em outras áreas, como o direito, por exemplo. Os repórteres se valeram de grampos telefônicos para descobrir informações privilegiadas.

Em meados de 1970, começa a nascer algo similar, mas não com a mesma intensidade estadunidense, na imprensa brasileira, pois a censura atribuída pela ditadura militar nas redações não era mais tão severa. Em 1974, há o início do período que ficou famoso como abertura política, onde se começou o processo de liberalização do regime militar. Este processo findou com a promulgação da Constituição Brasileira, em 1988.

Em 1976, o jornal O Estado de S. Paulo publicou uma série de reportagens que denunciam a vida de mordomias que ministros e altos funcionários do escalão da corte instalada em Brasília desfrutavam. Intitulada de “Assim vivem os nossos superfuncionários”, o jornal divulgou as reportagens em um cenário de pré-redemocratização. Estas publicações renderam prêmios nacionais e inauguraram o

jornalismo investigativo no Brasil, como um representante ativo e porta-voz dos interesses sociais e da democracia.

A ideia de jornalismo investigativo pode ser facilmente ligada à ideia de democracia. Denunciar o que ninguém espera que a população saiba, seja de pessoas, empresas, instituições ou até mesmo do governo. De acordo com Janis Karlins, Diretor-Geral Adjunto para Comunicação e Informação, UNESCO “O Jornalismo Investigativo implica em trazer à luz questões que permaneciam ocultas, seja deliberadamente por uma pessoa em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias”.

3.1 Definição de Jornalismo Investigativo

A definição de jornalismo investigativo varia de acordo com a interpretação dos jornalistas. Segundo Nascimento (2010), há uma diferença entre o jornalista descobrir uma irregularidade e descobrir que alguém descobriu uma irregularidade. Algumas linhas teóricas defendem que todo jornalismo é investigativo, pois precisa checar e analisar fontes e informações, para depois veiculá-las. A presente pesquisa toma como base os estudos feitos por Leandro Fortes para fazer a demarcação específica de jornalismo investigativo. Fortes (2005) destaca que é preciso abandonar a ideia extremamente simplista, porém verdadeira, de que todo jornalismo é investigativo para poder entender o seu conceito. Ele também ressalta a diferença dos processos investigativos para as demais rotinas jornalísticas, já que “o que diferencia o jornalismo investigativo dos demais setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sobre pressão” (FORTES, 2005, p. 30).

De acordo com Lopes (2002), há três linhas básicas de jornalismo investigativo: produto da iniciativa pessoal, de reportagens especiais ou de assuntos de interesses público que pessoas ou instituições querem manter em segredo.

O autor também salienta que é de extrema importância delimitar com clareza estes limites, pois, o jornalismo investigativo requer demandas especiais para a empresa de comunicação e para o profissional. Demanda tempo para efetuar tal investigação, dinheiro e até mesmo talento do jornalista para averiguar com maior aprofundamento as informações recebidas e ou descobertas. Ainda de acordo com Fortes (2005) uma das principais dificuldades que o jornalismo investigativo encontra é a que permeia a utilização dos mais

diferentes e curiosos métodos para a obtenção de informação durante a investigação, precisamente a ética da atividade. Segundo ele “tende a se misturar com uma atividade muito mais próxima do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo” (FORTES, 2005, p. 17).

Por outro lado, Sequeira (2005) também destaca que a prática do jornalismo investigativo é quase redundante, pois todo o jornalismo necessita de investigação para se tornar jornalismo. O que diferencia o jornalismo investigativo são os procedimentos, quase que não convencionais de se ter a informação e processo de construção das reportagens, que em nada é parecido com demais reportagens da redação de um jornal impresso, por exemplo. Assim, “há uma categoria que se diferencia das outras – pelo processo de trabalho do profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais -, definida como jornalismo investigativo” (SEQUEIRA, 2005, p.15). Esta categoria é o que se pode chamar de jornalismo investigativo, onde a investigação é mais apurada e o faro jornalístico se faz mais presente.

3.2 Características das Reportagens Investigativas

As reportagens de cunho investigativo têm características por si só bem definidas. De acordo com o embasamento adotado de Sequeira (2005), para uma narrativa ser caracterizada como jornalismo investigativo, ela precisa ser produzida com base em informações originárias de intenso trabalho de campo, fugindo de coberturas que se restringem as fontes oficiais. Deve-se fugir também ao tradicional jornalismo feito de dentro das redações.

Além de checar a informação e adotar fontes que não sejam as oficiais, Sequeira (2005, p.79) acredita que “só no momento em que o repórter passa a utilizar técnicas e estratégias que não fazem parte das rotinas de trabalhos jornalísticos da atualidade, a reportagem se transforma em reportagem investigativa”. Ou seja, só é a partir de um maior aprofundamento do repórter que a reportagem ganha o status de investigativa.

Outro ponto importante e que caracteriza a reportagem investigativa é a relação em que o jornalista tem com a fonte. O profissional precisa estar ciente de que a fonte pode deter grande parte das informações e que manter um bom relacionamento com ela é essencial para o andamento da investigação e reportagem. Sequeira (2005) acredita que a relação entre fonte e jornalista é complexa e que requer do jornalista um escrupuloso rigor

científico, confrontando todas as informações com fontes independentes que tenham interesses distintos.

É de extrema importância ressaltar que a relação entre o jornalista e a fonte deve ser encarada também como uma relação ética. Para Souza (2002), as fontes são aliadas, pois o repórter tem que se identificar e convencer a pessoa a falar sobre o assunto investigado, em nome de um bem comum. O repórter não pode obrigar a fonte a responder ou dizer algo que não queira, é necessário haver um entendimento.

4. Dilema da Ética Jornalística

Apesar de o jornalismo investigativo ter dado um salto em relação a sua evolução, este resultado tornou-se um dilema ético dentro das redações. A especialidade de investigar com mais afinco os fatos tornou-se mais cara e demandando mais recursos rápidos, mais trunfos jornalísticos e sem algum precedente de regras. Segundo Fortes (2005) A superexaltação ao jornalismo investigativo, então, mostrou-se uma faca de dois gumes afiadíssimos.

Na ânsia de querer ter a informação em primeira mão e assim repassá-la, fez com que a maioria dos profissionais começasse a pensar sobre a questão da ética. A discussão começou a ser pautada através dos limites que a prática jornalística tem em apurar as informações, como por exemplo, o uso de câmeras escondidas ou grampos telefônicos. Isto gerou um conflito externo e interno nas redações, que posterior, virou a ser um conflito de interesses, sejam econômicos ou noticiosos.

O código de ética do jornalismo, no artigo nove, inciso “f”, diz que “todo jornalista deve combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar informação”. Em outros incisos e outras letras, mais adiante, fala-se em questões sobre a privacidade e o livre direito a expressão da imprensa. Em suma: checar e averiguar as informações são preceitos éticos essenciais e aceitáveis e não se comenta muito sobre como conseguir tais informações.

Para Fortes (2005), todos os jornalistas passaram a concordar pelo menos em um ponto, a premissa básica: toda investigação jornalística tem que ser ética. Tales Faria, ex-diretor da Revista Isto É da sucursal de Brasília, acredita que a investigação jornalística tem, antes de tudo, que esclarecer algumas dúvidas: para quem ela está sendo feita? Para o cidadão-leitor ou para a manutenção do *status quo*? Essa questão abordada por Faria deve

ser pensada pela categoria de jornalistas, para que a categoria consiga repensar o papel social que possui.

5. Oito Passos do Jornalismo Investigativo

A análise da reportagem *Máfia das Próteses* se dará a partir da definição de jornalismo investigativo de Leandro Fortes e os oito passos que o autor considera essenciais para que uma reportagem seja considerada de cunho investigativo.

Fortes (2005) apresenta a teoria do jornalismo investigativo em oito fases que auxiliam na produção de uma reportagem investigativa e que devem ser tomadas pelos jornalistas. Salientando também que todo processo jornalístico precisa de investigação, esta área em específico se diferencia devido às circunstâncias do fato em que o repórter está submetido, bem como sua empresa.

O primeiro passo colocado por Fortes (2005) é a pesquisa minuciosa. O autor aponta que uma das principais questões a serem vistas pelos repórteres são os detalhes que não são explorados e que passam despercebidos aos olhos dos demais profissionais. Para ele, “o olho do repórter investigativo tem que suplantar a pura curiosidade, assumir um quê de detetive mesmo” (FORTES, 2005, p. 30). Outra maneira de conseguir passar por esta etapa é fugir das fontes oficiais e mais óbvias, procurando considerar qualquer hipótese como uma possível fonte e buscar mais informações sobre ela. “O olho do repórter é que vai descobrir por entre qual brecha se pode chegar à notícia” (FORTES, 2005, p. 31). Ou seja, é preciso ir além do óbvio e buscar a informação nas mais diversas plataformas atualmente disponíveis.

A segunda etapa destacada por Fortes é a paciência e concentração. As investigações demoram algum tempo para tomar forma e é preciso estar concentrado para que nenhum detalhe importante seja deixado de lado. Segundo Fortes (2005), a boa investigação é demorada e recheada de documentos, dados, estatísticas, legislações e códigos (FORTES, 2005, p. 31). E tudo isto deve ser explorado, a fim de levar a melhor informação ao público. O terceiro ponto descrito pelo autor é a insistência e perseverança, considerando que muitas informações que o repórter descobrir, virá fragmentado e dependerão de seu faro para apura-las. Fortes (2005) recorda a velha máxima jornalística que se aplica às práticas de investigação: “notícia é tudo aquilo que alguém, em algum lugar, quer manter escondido. O resto é propaganda” (FORTES, 2005, p. 31).

O quarto passo explorado por Leandro Fortes (2005) para se ter uma boa reportagem investigativa é a curiosidade e a desconfiança. Partindo da premissa de que o jornalismo investigativo traz a tona algo que ninguém quer que seja descoberto, o repórter precisa ser o mais curioso e desconfiado possível. A quinta fase citada pelo autor é a discrição. O jornalista que produz este tipo de reportagem precisa manter sua identidade em sigilo, para assim obter melhores resultados durante as investigações, o que pode ser o segredo para a produção de boas reportagens investigativas.

Como sexta etapa deste processo, Fortes (2005) destaca que é necessário *checar* quantas vezes for necessário à informação, para que depois não haja nenhum erro ou algo que possa desmentir o que foi dito na reportagem. Na sétima etapa deste processo se encontra, segundo Fortes, o que ele salienta, de libertação de preconceitos. O repórter deve despir-se de seus preconceitos, princípios, religião e tudo aquilo que possa atrapalhar a investigação e o produto final dela. O oitavo ponto citado por Fortes é que o jornalista deve ter *frieza*, a objetividade e a precisão. Objetividade para ser claro naquilo que se propôs a escrever, sem precisar atacar uma pessoa ou instituição para que sua reportagem seja considerada boa. Também segundo Fortes (2005), não há a necessidade de se criar polêmica em torno da reportagem.

5.1 Análise de Dados

Com base no que já foi visto sobre os passos do jornalismo investigativo segundo Leandro Fortes, para efetivar-se a análise dos dados referentes à reportagem *Máfia das Próteses* foram observados os principais pontos que marcam o jornalismo investigativo. Por fim, a análise apontará como se deu a investigação jornalística na reportagem escolhida e de como ela se encaixa nas etapas citadas por Fortes (2005), como essenciais para uma reportagem investigativa.

Os passos citados por Fortes conseguem ser identificados na reportagem de Grizotti em sua totalidade. De acordo com o autor, “o olho do repórter investigativo tem que suplantar a pura curiosidade, assumir um quê de detetive mesmo. Uma dica importante, nesses casos, é fugir das fontes oficiais e óbvias” (FORTES, 2005, p. 30). Grizotti, como é visto na reportagem televisiva, efetua uma minuciosa pesquisa, onde se infiltra em congressos médicos a fim de descobrir irregularidades no setor da saúde.

Conforme investigação realizada pelo próprio repórter, o esquema era conduzido por escritórios de empresas de próteses que ofereciam dinheiro a médicos para usarem seus

produtos em cirurgias. O esquema também revelou a prática dos médicos de pedir, sem necessidade, cirurgias a pacientes, para lucrar dinheiro por fora. Estima-se que mais de R\$100 foram desviados do Sistema Único de Saúde (SUS). A investigação que durou três meses também pode ser analisada sob a ótica do segundo passo considerado por Fortes (2005) importante para a realização de uma reportagem investigativa, a paciência e a concentração.

Após viajar por cinco estados brasileiros, Grizotti e sua equipe descobrem que as práticas irregulares começavam antes mesmo do médico estar com o diploma na mão; o pagamento de propina era efetuado ainda enquanto os, hoje então médicos, eram acadêmicos do curso de medicina. O autor salienta que algumas coisas “cheiram” a notícia, “sobretudo as que são deliberadamente ocultadas por autoridades públicas” (FORTES, 2005, p. 31). Grizotti aborda em via pública um empresário que nas gravações com o uso das câmeras escondidas admite o uso de pagamento de propina a médicos. O empresário, entretanto, nega qualquer fala e tenta desmentir o repórter. Estas imagens foram feitas juntamente ao cinegrafista parte da equipe.

Buscando comprovar a veracidade do esquema de corrupção que se instalou em consultórios médicos e em empresas de próteses, o repórter demonstra sua curiosidade e desconfiança, conversa com funcionários de algumas empresas e pessoas ligadas aos congressos médicos em que esteve infiltrado. Fortes (2005) destaca que “quanto mais pesado o assunto, mais curioso e desconfiado deve ser o repórter” (FORTES, 2005, p. 33).

É importante ressaltar que a imagem de Giovanni Grizotti em nenhum momento é mostrada na reportagem televisiva, pois a segurança do mesmo também é importante para o andamento do trabalho investigativo. Ele se infiltra em congressos médicos, se fazendo passar por médico, para assim obter informações privilegiadas. Para Fortes (2005), a discrição do repórter investigativo é um ponto muito importante, registrado pelo autor como quinto passo para uma boa investigação jornalística. Além da preservação de imagem do próprio autor da reportagem, as imagens de testemunhas (como pode ser observado abaixo) também são poupadas, afim de não gerar possíveis incômodos futuros as pessoas que delataram as irregularidades.



Figura 1 – testemunha com imagem preservada, assim como a do autor da reportagem.

Após realizar a coleta de materiais que comprovam as irregularidades, Grizotti confronta alguns dos principais envolvidos na máfia das próteses, mas o faz de forma tranquila, sem desrespeitar ou ofender as pessoas. Neste quesito é importante ressaltar o último passo para uma boa investigação, descrito por Leandro Fortes (2005) como frieza, objetividade e precisão. O autor julga que personalidades corruptas na maioria das vezes são fontes de investigação e destaca uma questão importante para quando o repórter pretende abordá-los: “o segredo para desmascará-los não está em partir para cima deles como cão raivoso. É tratá-los, na medida do possível, com respeito” (FORTES, 2005, p. 36). Este último ponto citado no estudo pode ser facilmente encontrado em outras reportagens de Giovani Grizotti, onde as temáticas sobre irregularidades se parecem e o repórter mantém a calma e a serenidade, para não atrapalhar a investigação jornalística.

Conclusões

Com base na análise da reportagem *Máfia das Próteses*, do repórter Giovani Grizotti, que foi exibida em 04 de janeiro de 2015, no programa *Fantástico*, foi possível observar a utilização dos elementos do jornalismo investigativo mencionados por Leandro Fortes, autor que norteou esta pesquisa.

A reportagem contém todos os subsídios que Fortes (2005) considera como os oito essenciais passos do jornalismo investigativo. Podendo destacar o ponto das realizações de entrevistas e a de como o repórter mantém a sua discrição para facilitar o trabalho durante a investigação.

Em relação à ética jornalística, fica comprovado que o uso de câmeras escondidas é judicialmente aceito em casos onde o interesse público seja maior do que a privacidade de alguém, como na reportagem onde foram flagradas diversas irregularidades.

Por fim, cabe salientar que muitos outros pontos podem ser analisados através da reportagem escolhida. Neste artigo foi realizada uma análise entre os parâmetros dos processos do jornalismo investigativo e a questão da ética jornalística nesse meio, a fim de compreender melhor esta área do jornalismo. É pertinente a realização de um estudo futuro onde outros temas ligados ao jornalismo possam ser abordados, como por exemplo, a receptividade da reportagem investigativa pelo telespectador.

Referências

CARVALHO, Alexandre. **Reportagem na TV**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

FORTES, Leandro Boavista. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia**. Summus Editorial: São Paulo, 2005.

NASCIMENTO, Solano. **Os Novos Escribas**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial LTDA, 2010.

LOPES, Dirceu F. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher do Brasil, 2002.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**, Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002.

CASO Watergate é um marco da investigação jornalística. Portugal: Diário de Notícias, 2005. Disponível em: <http://www.dn.pt/arquivo/2005/interior/caso-watergate-e-um-marco-da-investigacao-jornalstica-608881.html>. Acesso em: 17 abril 2016.

GRIZOTTI, Giovanni. **As razões da câmera escondida**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/diretodafonte/2010/05/30/as-razoes-da-camera-escondida/>. Acesso em: 17 abril 2016.

GAÚCHO, diário. **Descubra quem é Giovanni Grizotti**. Disponível em: <http://videos.clicrbs.com.br/rs/diariogaucho/video/entretenimento/2014/09/descubra-quem-giovani-grizotti/95373/>. Acesso em: 17 abril 2016

REDE GLOBO, Fantástico. **Máfia das próteses coloca vidas em risco com cirurgias desnecessárias**. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/01/mafia-das-protese-coloca-vidas-em-risco-com-cirurgias-desnecessarias.html>. Acesso em: 17 abril 2016

FENAJ. **Manual do Jornalista Investigativo pela UNESCO**. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/public/manual_unesco.pdf. Acesso em: 17 abril 2016

FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em:

http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf -
acesso 17/04/2016 Acesso em: 17 abril 2016